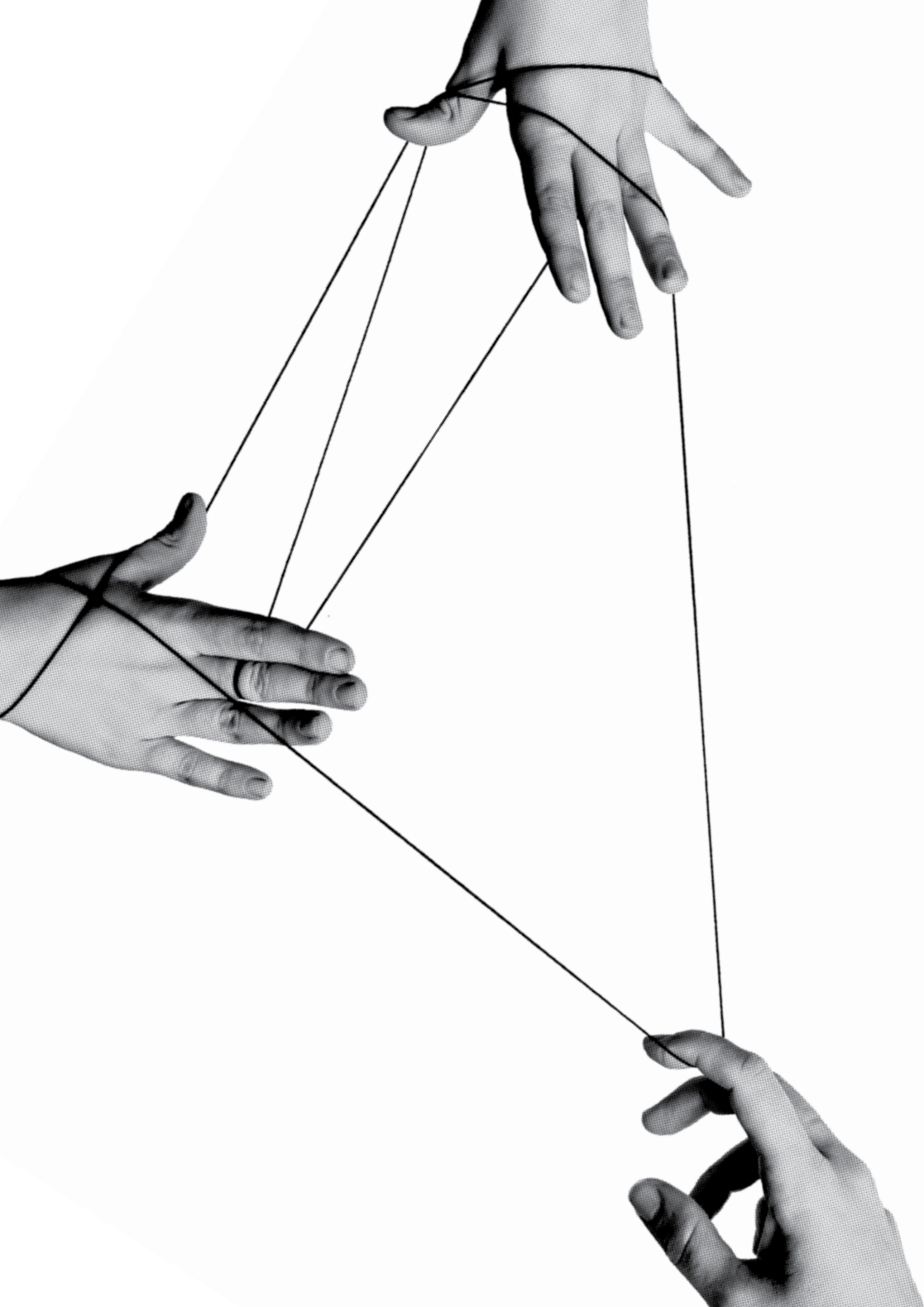


**WINNICOTT
EXPERIÊNCIA
E PARADOXO**

**TALES
AB'SÁBER**



*Este trabalho é dedicado a Isaías Melsohn (1921–2009),
o melhor analista que conheci.*

		9	1. Tempo, tempo, tempo, tempo
		24	2. Apresentando Freud aos ingleses
		38	3. A praia dos mundos sem-fim
		54	4. Um bebê no colo é o que existe
		60	5. Uma pessoa inteira
		68	6. Ilusão, potencial e experiência
		73	7. Um objeto de sonho e o mundo desde aí
		87	8. Uma vida psicanalítica e tantos Winnicotts
95	Sobre a bibliografia		
103	Cronologia		
III	WINNICOTT: PEQUENA ANTOLOGIA PSICANALÍTICO-FILOSÓFICA		
III	<i>Gilles Deleuze</i>		
112	<i>Jean-Bertrand Pontalis</i>		
114	<i>Giorgio Agamben</i>		
115	<i>André Green</i>		
116	<i>Harry Guntrip</i>		
117	<i>Gilberto Safra</i>		
118	<i>Christopher Bollas</i>		
119	<i>Adam Phillips</i>		
120	<i>René Roussillon</i>		
121	<i>Marion Milner</i>		
122	<i>M. Masud Khan</i>		
125	Sobre o autor		

1

TEMPO, TEMPO, TEMPO, TEMPO

Um bom modo de iniciar um estudo sobre um autor que admiramos é dar a palavra a ele próprio. Proponho que, antes de passarmos à vida e ao sistema mais amplo de ideias do psicanalista e pediatra inglês Donald Woods Winnicott, estudemos por um momento seu modo pessoal de pensar e de *enunciar* a psicanálise, que pode ser percebido em um texto seu.

Começemos então por aquilo que no pensamento de Winnicott foi *o seu negativo*. Em um momento já avançado de sua vida e obra, ele apresentou, de forma sintética e bem clara, um breve esquema que falava muito de sua forma de compreender algumas questões psicanalíticas fundamentais. Nas próximas páginas, vamos nos dedicar ao estudo e às implicações do seguinte texto para a psicanálise:

Vale a pena tentar formular isso em termos que deem o devido valor ao fator temporal. A sensação da existência materna dura x minutos. Se a mãe está longe há mais de x minutos, então a *imago* se desvanece e, com ela, cessa a capacidade do bebê de usar o símbolo da união. O bebê fica angustiado, mas essa angústia logo é *reparada*, já que a mãe retorna em $x + y$ minu-

tos. Em $x + y$ minutos, o bebê não sofreu alteração. Mas em $x + y + z$ minutos ele fica *traumatizado*. Em $x + y + z$ minutos, o retorno da mãe não repara o estado alterado do bebê. O trauma implica que ele sofreu uma interrupção na continuidade da vida, de maneira que as defesas primárias se organizam agora para defendê-lo contra a repetição de uma “ansiedade impensável” ou do retorno de um estado agudo de confusão pertencente à desintegração da estrutura nascente do ego.

Devemos presumir que a grande maioria dos bebês jamais vivencia uma quantidade de privação $x + y + z$. Isso significa que a maioria das crianças não carrega consigo por toda a vida o conhecimento da experiência da loucura.¹

A passagem é transparente e revela o valor científico e racional, o desejo de clareza com que Winnicott costumava conceber sua escritura de psicanalista. Mesmo quando estava às voltas com objetos e raciocínios *sutis*, relativamente inéditos para a psicanálise de seu tempo, escrevia sempre de maneira direta, evitando excessos expressivos ou enigmas da linguagem. Embora tenha elaborado questões de grande complexidade teórica e clínica, sempre o fez de forma elucidativa, esperando ser compreendido. E esse é um ponto em que seu modo de pensar simplesmente se aproxima do de Sigmund Freud, apesar de os estilos e problemas dos dois analistas serem muito diferentes. Talvez essa seja uma camada estilística comum a dois psicanalistas que não romperam por completo seu vínculo original com a cientificidade médica de seu tempo.

¹ Donald Woods Winnicott, “A localização da experiência cultural” [1967], in *O brincar e a realidade* [1971], trad. Breno Longhi. São Paulo: Ubu Editora, 2019, pp. 157–58.

Mesmo assim, como veremos, esse compromisso com a clareza não impedia Winnicott de, no momento propício, dotar seu texto de ironia, de um humor tipicamente inglês e de comentários de valor pessoal, além de ser um grande apreciador de paradoxos. Esse efeito de clareza e simplicidade – características próprias do estilo e da comunicação de Winnicott –, que também guarda algo da natureza objetiva e pragmática de sua língua e cultura, pode por vezes *iludir* leitores que estão entrando em contato com seu texto pela primeira vez, na medida em que lhes permite compreendê-lo de maneira ligeira, no plano da superfície da comunicação e do estilo, sem atentar para as implicações teóricas e psicanalíticas sérias que costumam estar em jogo em suas construções. Muitos conhecem Winnicott por esse efeito de superfície de seu estilo, uma característica singular de sua escritura, e assim reduzem consideravelmente o impacto de sua obra e pensamento, enquanto outros veem apenas a lógica clara que ele expressava, desprezando as consequências mais amplas de suas hipóteses e as inovações psicanalíticas mais radicais que ela implica.

Vejam as questões que a passagem evocada pressupõe. Em primeiro lugar, há o uso da *temporalidade real* da experiência humana – uma *passagem pelos tempos* que vai implicar as marcações simbólicas de cada indivíduo –, que está em jogo desde o princípio de uma vida e que não é nada comum na tradição psicanalítica mais geral. Winnicott nos apresenta um de seus modelos do desenvolvimento humano, e da psicopatologia, identificando já muito precocemente no bebê a noção de *loucura*, uma loucura já presente *no tempo mesmo das origens*. Ele fala de uma forma originária que abarca o sentido de maneira imbricada numa noção bastante viva e radical do tempo e da temporalidade, de *um tempo vivido*, de um tempo de a-traves-

samento vivo da experiência humana. Poderíamos dizer um tempo que existiu, *um tempo existido*. Assim, as formas psíquicas são inscritas no tempo do que aconteceu desde a origem. Como afirmava Gilles Deleuze a respeito do cinema, elas são *formas-tempo*.

Esse entendimento *de que as coisas humanas acontecem no tempo* e através do tempo, e de que esse próprio tempo conta como parte do acontecimento em si, pode ser verificado ao longo de toda a história de psicanalista de Winnicott. Desde as primeiras experiências clínicas com crianças nos anos 1920 e 1930, quando ele as deixava *se esclarecerem a si próprias através do tempo* junto à sua presença, até a temporalidade viva do que chamou de *completar uma experiência* em seus estudos da observação do uso pelos bebês dos objetos que lhes interessavam – como a espátula que ele lhes oferecia para que *devorassem*, enquanto os *acompanhava em sua experiência dela*, bem como observava o uso que o bebê fazia da relação com a mãe ou com o analista. A primazia do tempo na experiência humana figura, enfim, em sua noção da articulação e integração do corpo e do espírito do bebê, *também acontecimentos no tempo e do tempo*, dos processos originários que ele chamou de *seu desenvolvimento emocional primitivo*.

De fato, a ideia basicamente temporal de *continuidade*, com uma completude simbólica relativa que se daria em certo ponto da integração da experiência, em muitos níveis e em formas diferentes ao longo da vida, foi uma constante do seu modo de se aproximar dos pacientes, adultos ou crianças, na clínica. Winnicott prezava o pensamento de que as dificuldades e experiências de sofrimento e os sintomas de seus pacientes estavam sempre em relação com a *continuidade* do sujeito, um processo unificado no tempo a ser reconhecido e vivido na clínica. E é por

isso que seu célebre objeto e fenômeno *transicional*, de que falaremos mais adiante, é também a *experimentação* de sentidos com um objeto especial, uma experimentação que configura mesmo uma *passagem pelo tempo*, ou até mesmo, para sermos mais precisos, *várias passagens pelo tempo*. Essas passagens pelo tempo exprimem-se nas diversas brincadeiras e nos usos concebidos para um objeto sempre reinventado, vivido novamente, até que esse objeto especial *chegue um dia a passar*, perdendo a importância emocional que tivera para a criança. Como veremos, o objeto transicional *envolve uma encarnação no tempo*, uma *passagem* que será definidora da natureza e do colorido do campo simbólico singular de uma pessoa, daquilo que podemos chamar de *experiência*.

Em face disso, Winnicott fez uma proposição incomum no contexto do discurso psicanalítico vigente. Nos *processos de integração psicossomática* muito primitivos e dependentes do cuidado materno que descreveu pela primeira vez em 1945, ele incluiu, como um dos movimentos constitutivos importantes dos acontecimentos de fundo que darão origem ao ego – e, com ele, ao senso de realidade da criança –, a bonita ideia da própria *fruição do tempo, da apreciação do tempo*, como força constitutiva do eu: “Do meu ponto de vista existem três processos cujo início ocorre muito cedo: 1) integração; 2) personalização; 3) em seguida a estes, apreciação do tempo e do espaço e de outros aspectos da realidade – numa palavra, a realização”.²

Winnicott seria, assim, um dos poucos analistas em cuja obra teórica haveria um verdadeiro lugar para a noção de *expe-*

² Id., “Desenvolvimento emocional primitivo” [1945], in *Da pediatria à psicanálise* [1958], trad. Davy Bogomoletz. São Paulo: Imago, 2000, pp. 222–23.

riência, uma produtividade humana que, de qualquer modo que a pensemos, implica uma jornada pelo tempo. Se pudéssemos dar outro nome aos famosos *objetos transicionais*, poderia ser *objetos de experiência* e tudo o que a experiência pode envolver ao longo da relação com um objeto. De fato, o tempo que ele evoca com a linguagem simplificada do $x + y + z$ na passagem transcrita é o tempo de uma experiência especial: a de ter vivido algo, já na origem do humano, no *tempo* da dependência absoluta de um outro que é próprio ao bebê e que já o marcou com uma experiência. No caso, essa é uma forte *experiência negativa* que, segundo Winnicott, o bebê vai carregar por toda a vida – de forma verdadeiramente transcendente às suas demais experiências e ao seu desenvolvimento posteriores. Trata-se da experiência precoce de ter conhecido a loucura, ou de ter estado nela. E mais: a vivência de ter conhecido a loucura antes ainda de termos algo que se possa chamar de *alguém* – um *eu* – capaz de dar qualquer tipo de nome àquilo que se viveu. Uma experiência negativa impossível, que negativiza até o próprio nome, na ausência de um *ser de linguagem*, dissolvido nela antes mesmo de existir.

Ao mesmo tempo, o que realmente importa nesse pequeno modelo que prevê o quanto o bebê pode ou não suportar a ausência da mãe de quem depende para tudo – principalmente *para vir a ser* através de seu próprio tempo, sem ter sua *contingência* integradora rompida e cair na “loucura” – é que *o bebê está vivendo* uma experiência, a qual demanda, na raiz, a sustentação do tempo do vir a ser, ou sua ruína, por *um outro vivo* para o bebê. Essa experiência não é abstratamente quantitativa, como Winnicott a elabora na passagem reproduzida, em que faz uso de uma linguagem didática mais tipicamente freudiana do que propriamente winnicottiana. Essa experiência é

– e toda a obra de Winnicott decorre da tentativa de qualificá-la em detalhes – a vida de *uma relação, uma relação humana fundamental e fundante, ontológica*. Ou, como ele disse, ao contrário, ela abrange a ruína virtual de uma relação que implicaria a ruína das próprias forças integradoras do eu de um bebê em seu processo de acontecer.

Olhando o trecho citado sob outra perspectiva, quando o psicanalista menciona as *defesas muito primitivas* que podem surgir nessa situação de radical privação diante da ausência excessiva da mãe e de seus cuidados com o bebê, ele também está intervindo em uma região muito importante da história clínica e da teoria da psicanálise. As *defesas primitivas que se organizam* para dar conta da *ansiedade impensável* são, segundo Winnicott, resultantes da experiência vivida no tempo de uma ausência humana vital, que já marca o bebê com o sentido de *ter estado louco* e com uma produção psíquica complexa e precoce ao redor desse tipo original de traumatismo. Eis o modo winnicottiano de intervir em um intrincado campo de problemas teóricos da história da psicanálise: o campo do *originário, do masoquismo primário* e daquilo que Freud chamou, em um esforço teórico no início dos anos 1920, de *compulsão à repetição* do sofrimento, associada à sua ideia de *pulsão de morte*.

Winnicott nos dá de fato outra solução para a ideia de pulsão de morte, tão presente na história da psicanálise em seu primeiro século de vida. Uma das facetas da complexa noção de pulsão de morte freudiana era exatamente a existência fundamental de *um sofrimento primordial*, ao qual o paciente estava tão aderido em sua vida que o primeiro psicanalista foi levado a pensá-lo como uma *compulsão, uma compulsão à repetição da dor e do sofrimento, desejo demoníaco*, presente no psiquismo, com seus derivativos de um possível *masoquismo primário do*

ego e de uma possível – pois Freud mantém a questão aberta, como verdadeira especulação – *pulsão destrutiva, de retorno ao inanimado e à morte*, a célebre *pulsão de morte*. Historicamente, essas noções deram origem à chamada segunda tópica freudiana, elaborada a partir da década de 1920. Para o primeiro psicanalista, o fato de haver no humano um sofrimento muito adesivo, muito repetitivo, insistente, descomprometido em relação a experiências de vida ou de satisfação e prazer que pudessem ocorrer na história do sujeito, isso poderia talvez ser explicado pela existência de uma *pulsão* fundamental de *compromisso com a não vida*, uma espécie de desejo primordial *de não viver*. Estabelecia-se um regime psíquico de sofrimento constante, transcendental à história e ao erotismo humano e suas forças, o que Freud imaginou como um campo psíquico que estaria *além do princípio do prazer* – ou seja, um campo de produções *fora do princípio do prazer*. Essa pulsão de anulação da vida seria, então, em termos freudianos, *pulsão de morte*, uma força de corpo e de vida que não se representaria em nenhum cenário erótico imaginativo ou significativo, aparecendo para o indivíduo a princípio como a pura força da repetição, da dor e do sofrimento, a forma resistente da repetição, a repetição que mais repete. Ela seria a repetição do sofrimento sem nenhuma referência erótica, sem porquê, nem para onde, a repetição da própria pulsão que quer destruir e quer desligar os sentidos, mais do que representar e desejar um objeto ou... experiência. O psiquismo portaria, assim, uma força que desejava, desde o início, sair da vida.

Ora, voltando à comunicação de Winnicott sobre os tempos da loucura já presentes em um bebê humano: o que o psicanalista e pediatra inglês está nos dizendo com a ideia da organização de *defesas muito primitivas* do bebê diante da experiência

de já ter vivido uma confusão incompreensível no início de tudo é que esse campo de experiências, *transcendental a toda experiência futura* – que aparecerá mais tarde, no adulto, também como um apego compulsivo ao sofrimento, e que para Freud era uma *pulsão*, uma força inata ao organismo e ao psiquismo – é de fato, de seu ponto de vista, *fruto e resultado de uma história*. Essa experiência originária e definidora de destinos do sofrimento e da patologia poderia ser, portanto, pensada como um mundo derivado de sentidos *daquela história*. E mais: ela é, desde a origem, *uma relação*.

É na relação de ausência excessiva da mãe em uma fase de grande fragilidade do bebê que habita ou não a possibilidade de ele ser lançado no *campo de sofrimento, transcendente* a qualquer experiência erótica futura – o que Freud, noutra direção, relacionou a uma pulsão primitiva e de lógica especial. Desse modo, para Winnicott, diferentemente do que pensavam Freud, Melanie Klein, Wilfred Bion e Jacques Lacan, *a pulsão de morte não existe*. Essa posição singular na história da psicanálise terá profundas consequências clínicas e teóricas.

Como vimos, o que existe de fato para ele é uma *experiência precoce de desrealização humana*, uma experiência traumática originária cujo mistério é o sentido de uma relação: a relação entre o bebê e sua mãe no tempo das origens. Ali onde a repetição se abre à compulsão do que é sofrimento eterno, pensada por toda uma tradição psicanalítica como advinda de uma *pulsão inata*, Winnicott vê outra coisa: *uma história específica* que pode ser evocada e que sempre envolve no mínimo dois, o bebê e sua mãe – que é também seu *ambiente* original e até mesmo sua cultura, sua grande sustentação, como ele diria. É a história de uma falha na relação e na sustentação de um bebê por sua mãe que vai levar à produção precoce de um *sujeito em nega-*

SOBRE O AUTOR

Tales Ab’Sáber é psicanalista. Doutor em Psicologia Clínica e mestre em Artes pela Universidade de São Paulo (USP), é membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e professor de filosofia da psicanálise no curso de Filosofia da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). É autor de *O sonhar restaurado – Formas do sonhar em Bion, Winnicott e Freud* (São Paulo: Editora 34, 2005) e *A música do tempo infinito* (São Paulo: Cosac Naify, 2012), ambos premiados com o Jabuti. Concebeu e coordena a Clínica Aberta de Psicanálise e o “grupo analista” na Casa do Povo, em São Paulo.

© Ubu Editora, 2021

© Tales Ab’Sáber, 2021

COORDENAÇÃO EDITORIAL Florencia Ferrari

ASSISTENTES EDITORIAIS Gabriela Naigeborin,

Isabela Sanches e Júlia Knaipp

PREPARAÇÃO Claudia Cantarin e Gabriela Naigeborin

REVISÃO Cristina Yamazaki

DESIGN Elaine Ramos

ASSISTENTE DE DESIGN Livia Takemura

FOTO DA CAPA E PP. 2-3 Nino Andrés

MODELO DE MÃOS Jorge Wisnik

PRODUÇÃO GRÁFICA Marina Ambrasas

COMERCIAL Luciana Mazolini

ASSISTENTE COMERCIAL Anna Fournier

GESTÃO SITE/CIRCUITO UBU Beatriz Lourenção

CRIAÇÃO DE CONTEÚDO/CIRCUITO UBU Maria Chiaretti

ASSISTENTE CIRCUITO UBU Walmir Lacerda

ASSISTENTE DE COMUNICAÇÃO Júlia França

ATENDIMENTO Jordana Silva e Laís Matias

Nesta edição, respeitou-se o novo

Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva – CRB-8/9410

Ab’Sáber, Tales

Winnicott: experiência e paradoxo / Tales Ab’Sáber.

São Paulo: Ubu Editora, 2021. 128 pp.

ISBN 978 65 86497 49 6

1. Psicanálise. 2. Psicologia. 3. Infância. 4. Winnicott.
5. Medicina. I. Título.

2021-1900 CDD 150.195
CDU 159.964.2

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise 150.195

2. Psicanálise 159.964.2

UBU EDITORA



Largo do Arouche 161 sobreloja 2

01219 011 São Paulo SP

11 3331 2275

ubueditora.com.br

professor@ubueditora.com.br

  /ubueditora